

## A trilogia da ditadura na obra de Fernando Gabeira: memória, trauma e reflexões acerca do exílio

The dictatorship trilogy in the work of Fernando Gabeira: memory, trauma, and reflections on exile

César Alessandro Sagrillo Figueiredo<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal do Norte de Tocantins, Araguaína, TO, Brasil

### RESUMO

A ditadura civil-militar brasileira foi um período que legou uma série de efeitos deletérios ao país, sobretudo na cultura e na política. Partindo dessa conjuntura, este artigo possui como objetivo principal examinar a trilogia da ditadura civil-militar e do exílio por meio das obras de Fernando Gabeira, quais sejam: 1) *O que é isso, companheiro?* (1979); 2) *O crepúsculo do macho* (1980); e, 3) *Entradas e bandeiras* (1981). No tocante a perspectiva teórica de análise, ancoramos nosso estudo por meio da Literatura de Testemunho (Seligmann-Silva, 2005; Salgueiro, 2012) e acerca da memória política do período. Metodologicamente, procuraremos realizar uma revisão bibliográfica e uma reconstituição histórica a partir dos livros analisados. Como resultado da pesquisa, constatamos que os livros de Gabeira funcionaram como uma catarse para o autor procurar se reencontrar consigo mesmo, depois de tantos traumas, dramas e exílio forçados.

**Palavras-chave:** Literatura de testemunho; Ditadura civil-militar; Memória; Trauma

### ABSTRACT

The Brazilian civil-military dictatorship was a period that left a series of deleterious effects on the country, especially in culture and politics. Starting from this situation, this article's main objective is to examine the trilogy of civil-military dictatorship and exile through the works of Fernando Gabeira, namely: 1) *O que é isso, companheiro?* (1979); 2) *O crepúsculo do macho* (1980); and, 3) *Entradas e bandeiras* (1981). Regarding the theoretical perspective of analysis, we anchored our study through Testimony Literature (Seligmann-Silva, 2005; Salgueiro, 2012) and on the political memory of the period. Methodologically, we will seek to carry out a bibliographical review and a historical reconstruction based on the books analyzed. As a result of the research, we found that Gabeira's books acted as a catharsis for the author to try to find himself again after so many traumas, dramas, and forced exile.

**Keywords:** Testimony literature; Civil-military dictatorship; memory; Trauma

## INTRODUÇÃO

A literatura sobre a ditadura se constrói a partir desse palimpsesto e cumpre o papel de suplemento aos arquivos que, ainda quando abertos para a população para consulta, são áridos e de difícil leitura. Ao criar personagens, ao simular situações, o escritor é capaz de levar o leitor a imaginar aquilo que foi efetivamente vivido por homens e mulheres. Comparando história e literatura, Ricouer registra a liberdade dos escritores de ficção em relação aos fatos efetivamente acontecidos. O que lhes permite usar fontes de pesquisas vedadas ao historiador no que lhe concerne à temporalidade (Figueiredo, 2017, p. 29).

As discussões acerca dos anos da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) estão longe de esgotar, mesmo passando tanto tempo do seu fim, com certeza, pelos efeitos deletérios que grassou para a sociedade em diversas searas. Um dos reflexos podemos ver fortemente na cultura, detidamente na produção literária de cunho memorialístico realizadas pelos personagens que foram protagonistas desse período. Entre os diversos autores que produziram uma reflexão sobre a memória daqueles tempos sombrios destacamos Fernando Gabeira, com os seus livros que buscam enfeixar de modo consistente as suas lembranças, permeadas de sentimentos como angústia e dores em face do trauma vivido durante o percurso ditatorial.

O presente artigo possui como objetivo principal examinar a trilogia da ditadura civil-militar e do exílio por meio das obras de Fernando Gabeira, quais sejam: 1) *O que é isso, companheiro?* (1979); 2) *O crepúsculo do macho* (1980); e, 3) *Entradas e bandeiras* (1981) e o seu diálogo com a Literatura de Testemunho. As obras foram lançadas no imediato da sua chegada ao Brasil após a Anistia (Brasil, 1979), logo, produzindo ressonância entre as diversas publicações no período.

No tocante a produção do período que versou sobre os anos ditatoriais, destacamos que houve difusão de obras em diversos formatos, sendo tanto em livros impressos, quanto em outras mídias como jornalismo, filmes e documentários. (Salgueiro, 2012). Atualizando esse manancial realizado naquele período, podemos

ler e dialogar como inclusa na rubrica da Literatura de Testemunho, haja vista que ela versa sobre lembranças, memórias e depoimentos de personagens que ousaram confrontar o regime ditatorial vigente. Deste modo, para a consecução da análise da obra do autor, aprofundaremos o estudo sob o escopo da Literatura de Testemunho.

Detidamente acerca das obras, pretendemos trazer para discussão a densidade do trauma, não somente enfocando a tortura, mas igualmente dando destaque para o exílio como objeto de sofrimento contido nos relatos e testemunhos. Em face do longo percurso palmilhado pelas obras, este artigo dividirá a produção de Gabeira em dois momentos, quais sejam: 1) fase da luta no Brasil e o seu exílio forçado, analisando como se fosse um *continuum*, haja vista a militância política o forçou a um banimento político; e, 2) uma segunda fase após o seu retorno do Brasil, buscando, assim, confrontar as suas memórias deixadas do Brasil e a realidade em que se vivia no país depois dez anos de afastamento em virtude do périplo como exilado político. No tocante a metodologia, procuraremos realizar uma revisão bibliográfica e uma reconstituição histórica a partir dos livros analisados.

Ainda, para efeitos teóricos, constatamos que a Literatura de Testemunho que trata acerca da ditadura e do trauma no Brasil, portanto, serviu como aporte e material de pesquisa a fim de construir uma leitura histórica do momento vivido no Brasil durante os 21 anos de ditadura. Isso posto, a fim de demarcar a conjuntura política que deu combustível para emergência dessa produção testemunhal, realçamos que a partir do final dos anos 1970 a sociedade civil volta a se reorganizar como uma força efetiva contra a ditadura civil-militar brasileira. Em síntese, desse caudal da sociedade organizada em conjunto com um corpo político oposicionista, criou-se um campo fértil para uma produção diversificada visando denunciar e fragilizar a ditadura brasileira nos seus anos finais, servindo, conseqüentemente, como estuário natural para a Literatura de Testemunho brasileira florescer.

## **A obra de Gabeira como um *case* exemplar da Literatura de Testemunho: a dor, o trauma e o exílio**

O livro *O que é isso, companheiro?* (1979), portanto, se insere com perfeição nesse cenário em curso, uma vez que a mídia oposicionista possuía a receptividade adequada para a obra e, sobretudo, começou haver condições políticas mais brandas para recepcionar uma produção de cunho memorialista de um opositor do regime militar. Aproximando a contextualização histórica da publicação do livro enunciado, de modo a compor um perfil das obras do período, Renato Franco, citando Antônio Cândido, enfatiza que são livros da “geração da repressão”, segundo definição:

Composto por obras de militantes revolucionários que, após serem presos e torturados, resolvem relatar suas experiências, constituindo assim uma verdadeira Literatura do Testemunho: dentre estas, merecem destaque *Em câmara lenta*, de R. Tapajós (1977), e *O que é isso, companheiro?* de F. Gabeira (1979). (Franco, 2003, p. 360)

Adentrando a obra de Fernando Gabeira, para fins biográficos, realçamos que o autor até 1968 era um próspero jornalista, mas na viragem do acirramento das lutas do período integra uma organização armada de oposição ao regime e participa em 1969 do sequestro do embaixador americano com vista a libertar presos políticos. A partir do advento do sequestro, entra na mais absoluta clandestinidade, pois começa a ser perseguido pela corporação militar como um inimigo do Estado. Em linhas gerais, esse é o enredo do livro, conforme suas próprias palavras:

Este portanto é o livro de um homem correndo da polícia, tentando compreender como é que se meteu, de repente, no meio da Irarrazabal, se há apenas cinco anos estava correndo da Ouvidor para a Rio Branco, num dos grupos que fariam mais uma demonstração contra a ditadura militar que tomara o poder em 64. Onde é mesmo que estávamos, quando tudo começou? (Gabeira, 1982, p. 12-13).

Podemos definir que esse primeiro livro compõe a trilogia das obras de Gabeira, pois inicia-se com o autor tentando compreender como começou a sua saga que o levou ao exílio. Ou seja, nesse livro esmiuça em capítulos cronológicos como iniciou a sua luta contra a ditadura, primeiramente, como um jornalista que trabalhava num grande periódico, posteriormente, tornando-se um oponente clandestino que integra uma organização armada e que sequestra um embaixador. Segundo questionamentos e apontamentos do próprio, era um livro de um homem correndo da polícia e prometendo, caso ficasse vivo, contar tudo o que viveu: “Sobrevivi. E pensei que talvez fosse interessante contar a história” (Gabeira, 1979, p. 171).

O livro foi escrito no seu exílio na Suécia, após a saga de Gabeira por prisões, tortura e banimento político do Brasil. Segundo o autor, a obra começou a ser gestada em 1978, após o contato fortuito em Paris com jornalistas brasileiros que o convidam para uma entrevista no Pasquim, jornal oposicionista com enorme sucesso no período. Após a entrevista, entre 1978 e 1979, Gabeira começou a escrever as suas memórias sobre os seus anos finais no Brasil e o mergulho na luta armada, chegando com o primeiro o rascunho para publicação quando retornou do exílio. Descrevendo o percurso editorial, havia a curiosidade natural dos brasileiros em saber o que passou essa geração que pegou em armas, também esse tipo de publicação ia ao encontro da esquerda brasileira que procurava obras com vista a denunciar o regime militar e, por fim, havia uma publicidade prévia de Gabeira pelas páginas do Pasquim visando um futuro lançamento do livro pela CODECRI, editora do próprio jornal.

O seu primeiro livro termina onde começa o seguinte, *O crepúsculo do macho* (1980), como se fosse um ato contínuo dos dois livros, exatamente, com o sequestro do embaixador alemão por um grupo armado e o envio de 40 presos, incluindo Gabeira, para o exílio na Argélia, sendo todos banidos do Brasil. O primeiro livro evidencia os anos finais do autor no Brasil e a sua preparação forçada rumo ao exílio, passando pelo trauma da prisão e tortura; já, no segundo livro, seria o próprio exílio em si.

Quando chegamos à Argélia, por exemplo, não havia luzes. Fomos trocados pelo embaixador alemão, sequestrado numa rua de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Éramos quarenta pessoas paradas no aeroporto de Argel, posando para fotógrafos de todo o mundo [...]. O exílio que nos esperava seria mesmo um túnel escuro (Gabeira, 1980, p. 12-13).

O lançamento do livro *O crepúsculo do macho* é fruto do sucesso editorial da sua primeira obra, pois *O que é isso, companheiro?*, já no imediato ao lançamento rendeu inúmeras reedições se tornando campeã de vendagem no período. Ainda, torna-se importante frisar que a sua primeira obra venceu o Prêmio Jabuti em 1980, consagrando, portanto, o autor como um dos grandes escritores daquele final de década e alçando-o como um dos personagens mais festejados pela mídia brasileira no período. Então, justamente pelo sucesso de vendagem e ampla aceitação do personagem Gabeira, a CODECRI encomenda uma continuidade com intuito de saciar a curiosidade dos leitores do que ocorreu no exílio com esses brasileiros que chegavam nos braços de festejada Anistia política.

O primeiro livro retratava um homem correndo da polícia e querendo compreender como se meteu naquela luta. No segundo, procurava fazer um acerto de contas com a sua geração que pegou em armas, mas sem perder de foco das suas próprias angústias geradas. Melhor dito, procurava entender os erros históricos que fizeram a sua geração optar pela luta armada e, concomitante, o seu desencantamento com o projeto político radical que para ele não produziu o efeito almejado, haja vista tantas mortes, dores e traumas gerados em face das agruras vividas. Igualmente, a sua reflexão além dos erros políticos, pontilhava as próprias crises e dilemas dos homens latino-americano no seu processo de exílio, especialmente o contato com outras culturas e as relações interpessoais extremamente conflitantes produzidos pelos choques de realidades vividas.

Em linhas gerais, a obra palmilha todas as agruras vivenciadas por um refugiado

político latino-americano fugindo da polícia, num primeiro momento, os anos iniciais com a saída forçada via banimento para Argélia e o seu treinamento revolucionário em Cuba. Após, num segundo momento, tentando sobreviver as ditaduras e golpes de Estados do continente Sul-americano e, finalmente, as suas estratégias pessoais e psicológicas para conseguir driblar o longo período na Europa vivendo como um simples maquinista no metrô de Estocolmo na gélida Suécia.

Melhor delineando, a primeira parte do exílio demonstrava o autor ainda imerso junto aos projetos de uma esquerda internacionalista, fazendo parte dos compromissos intelectuais e políticos revolucionários que assumiu coletivamente com o seu grupo desde o Brasil. Para tanto, passa rapidamente pela Argélia, treina guerrilha ao mesmo tempo que desmitifica Cuba. Após, tenta se inserir e sobreviver numa rápida passagem pela Alemanha, sofrendo todas as agruras de um exilado latino-americano ilegal num país pouco acolhedor. Finalmente, ainda dentro do projeto revolucionário, Gabeira e sua companheira chegam ao Chile em 1973. De acordo com as suas ilusões armadas, se no Brasil não vingara a revolução em virtude da feroz repressão, pelo menos no plano internacional, o Chile com o governo socialista de Salvador Allende (1970-1973) poderia dar frutos e ativar a fagulha que teimava em ficar acesa.

Estava fazendo exatamente o que eu queria: transmitir meus conhecimentos para um povo em luta. Na medida do possível, iria combater com eles, arriscar minha vida pelo processo. Quem sabe não venceríamos e a revolução socialista iria se consolidar no Chile? Aí seria o caso de ficar para construir, ou seguir o caminho em busca de processos novos, correr o mundo em busca de revoluções até que chegasse a vez da nossa e então iríamos parar para sempre, talvez numa casinha modesta, numa rua cheia de árvores e com circulação de automóveis proibida (Gabeira, 1980, p. 129).

Contudo, superando a sua vontade pessoal, assim como de seus pares que afluíram ao Chile de Salvador Allende para aprender com a experiência da transição

pacífica ao socialismo, a transformação revolucionária não vingou, conseqüentemente, gerando um trauma coletivo a toda esquerda internacional que se vira tragadas pelo terremoto de outro golpe militar no continente. Também, podemos ver no livro o olhar detido sobre a história da América Latina, sendo contado por um autor/narrador que assume o protagonismo político em várias cenas como o personagem principal da história. Em outros momentos, como um sobrevivente fazendo parte de um coletivo que fracassou e que sente a necessidade de contar as agruras que grassou durante o período que pedia asilo na embaixada da Argentina. Do mesmo modo, verificamos nos seus relatos a tarefa imperiosa de narrar o vivido como uma forma de saldar aqueles que não sobreviveram, melhor dito, como uma forma de homenagem e, ao mesmo tempo, de denunciar horrores presenciados durante a estadia no Chile pós golpe militar.

Reiterando, *O crepúsculo do macho* transpassa nove anos vividos do autor, a contar entre o seu banimento em 1970 e a Anistia de 1979, narrando todo o seu exílio de acordo com os encaixes das suas memórias. Após o Golpe no Chile, o narrador passa pela Argentina, sem conseguir ficar pois o governo argentino não queria os refugiados políticos. Entretanto, consegue a sua salvaguarda com um refúgio na Suécia a partir de 1974, começando neste momento um novo, definitivo e amargo exílio de mais cinco anos. Tais demarcações são nítidas no livro, sendo consenso entre a esquerda brasileira que o fantasma do exílio só se abateu para a comunidade da esquerda com o fim do projeto do Chile e a ida, sem perspectiva de volta, para a Europa: seria o exílio definitivo.

Nessa segunda obra, Gabeira demonstra a sua transformação pessoal do que vivenciou e o impacto que o exílio causaria na sua trajetória de vida. Fica bem demarcado no livro as mudanças operadas tanto no homem político, que fez um compromisso junto com a seus pares com a revolução – que não deu certo; quanto pelo homem absorvido pelas brumas da vivência de um país totalmente distante dos seus referencias latino-americanos. O exílio fica bem salientando sobre esse prisma de



um projeto coletivo derrotado em face dos sucessivos golpes de Estado na América Latina, no mesmo gradiente, fica bem grifado como o personagem sofria na Suécia o impacto da sua vida cotidiana amiúde, pois vivia num país em que o personagem/autor era vítima de xenofobia e sem nenhum projeto pessoal, como se a sua vida fosse sendo tragada e ele não tinha forças para elaborar o sofrimento.

Vivíamos um exílio assustador. Que esperança nos restava agora que o Continente estava entregue ao fascismo, com a queda de Allende e ao avanço da direita Argentina? Que esperança nos restava a 12 graus abaixo de zero em quartos de 17 metros quadrados e dias que terminavam às duas da tarde, mergulhados na mais completa escuridão? (Gabeira, 1980, p. 28)

O frio e a falta de um projeto coletivo político geravam um clima sombrio de insatisfação ao longo do livro, que poderia ser visto na vida cotidiana do personagem. Gabeira sublinhava o seguinte: 1) para quem tinha recurso pessoal ou familiar, poderia ir para Paris e ficar discutindo os problemas do mundo, bem como elaborando projetos políticos para o Brasil e vislumbrando uma volta num porvir; porém, 2) para os que tinham de trabalhar, sobrava a vida fria nos países nórdicos como a Suécia e tendo que se adaptar forçadamente ao clima, bem como as condições ásperas legadas a um refugiado político, principalmente aos que se diferenciavam radicalmente do fenótipo físico norte europeu.

Igualmente, a insatisfação poderia ser observada pela forma fugidia das suas relações pessoais travadas na Suécia sem densidade, uma vez que a sua energia vital estaria reservada para o seu retorno ao país. Segundo o autor, nada se constrói com efetividade e afeto no exílio, pois o tónus que restava depois de tantas dores e traumas estaria focado para um possível retorno, mesmo ainda sendo apontado com grandes distâncias e sem tantas esperanças. Contudo, essas esparsas expectativas eram a força vital que dava estímulo para continuar a resistir, almejando uma volta futura ao seu país de origem.

Nesse cenário, o Brasil se tornava, realmente, uma alternativa e a Suécia um fim, somente com a Anistia política em 1979, momento em que o autor fecha o seu longo exílio e aporta no Brasil. Do mesmo modo, o autor dá por encerrado o seu primeiro livro com sua chegada no aeroporto aos gritos de boas-vindas de uma multidão gritando o hino da Anistia, juntamente com imagens transmitidas pela televisão e com o repórter que perguntava ao personagem o que iria fazer de agora em diante – ele responde, finalizando o livro: “não tenho a mínima ideia” (Gabeira, 1980, p. 245).

### **A volta do exílio: lembrar o Brasil que ficou ou se surpreender com o Brasil que encontrou?**

A história do dia-a-dia no exílio foi, portanto, a história do choque cultural renovado constantemente; do mal-estar em relação ao outro e, sobretudo, em relação a si mesmo; da indefinição entre o que se pretendia ter sido e o que se era de fato. É a história da desorientação, da crise de valores que significou, para uns, o fim de um caminho e, para outros, a descoberta de outras possibilidades. É a história do esforço inútil e inglório para manter a identidade, mas também a história da sua redefinição e reconstrução, que se impuseram ao longo das fases do exílio e continuaram, para muitos, mesmo depois da volta ao Brasil (Rollemberg, 1999, p. 40)

De acordo com a literatura que trata acerca de exílios, a volta é o anseio mais almejado pelos agentes políticos apátridas, pois pretendem novamente se sentirem acolhidos e pertencentes a sua pátria, mesmo que o seu país de origem fora o responsável direto por todos os dramas vividos. A volta, além da questão afetiva, ainda funciona como um reencontro e como reconexão do elo perdido em face de banimento, contudo, em virtude do longo exílio vivido, o retorno será sentido de maneira distinta por cada personagem (Rollemberg, 1999).

Melhor explicando, assim como cada personagem vivenciou o exílio de forma diferenciada – sendo para uns mais leves e para outros mais pesados – de igual intensidade o retorno será avivado de formas distintas, pois implicará diretamente

tanto das expectativas que possuem do país de origem quanto das desilusões quando aportarem, verificando *in loco* as mudanças (positivas ou negativas) que foi operada durante os anos de separação forçada. Além das questões pessoais e marcadamente psicológicas, ainda, a volta implica um reencontro consigo mesmo e com as suas memórias, procurando reconstruir as suas lembranças e operando um mosaico junto as reminiscências dos seus pares sobreviventes.

De comum entre nós restaram poucas coisas: lembranças das lutas no Brasil [...] e uma esperança de voltar à terra. Creio que seremos jogados ali como meninos que ficaram longamente de castigo. No princípio, hesitaremos em entrar na dança, um pouco surpreendidos com o que vemos e, em seguida, vamos encontrar nossa turma e esquecer bem rápido os negros anos do exílio. Vai um Brasil para vocês, outro para nós (Gabeira, 1980, p. 213)

Esses turbilhões de experiências já ficam bem demarcado na obra de Gabeira desde o término do projeto chileno; posteriormente, sendo acentuadas com o exílio forçado na Suécia e as transformações operacionalizadas no personagem/autor descritas no livro *O crepúsculo do macho*. O exílio sueco forçou, sobretudo pela distância dos centros de discussões da esquerda e pela necessidade imperiosa de trabalhar, um afastamento gradativo do compromisso político firmado com a esquerda brasileira, fazendo com que o personagem gradativamente deixasse de ser um revolucionário armado para ser um militante da “nova esquerda” que emergia no cenário europeu. Nesse percurso em transformação, para esquerda brasileira revolucionária, fora aplicado a Gabeira o jargão de *desbundado*, ou seja, ele naquele momento seria o personagem que abandonou a causa política e passou a cuidar apenas da sua vida amiúde e lutar pela sobrevivência, assim como elegeu causas políticas não relevantes e sem densidade de transformação radical, de acordo com o vaticinado pelo corolário marxista clássico.

Gabeira voltou transformado em 1979 no momento imediato da Anistia e, justamente, o seu primeiro livro foi lançado aproveitando toda a publicidade dele chegando ao Brasil de maneira festiva pelas diversas mídias. Entretanto, ressaltamos, torna-se importante registrar que a Anistia não foi equânime para todos, pois muitos presos políticos ainda continuavam na cadeia e alguns exilados ainda ficavam proibidos de voltar ao país. Nesse sentido, cumpre explicitar que o livro, revelando detalhes do sequestro do embaixador americano e dos personagens copartícipes da ação não foi bem aceito pelos seus ex-companheiros de organização política, haja vista que poderia implicar em segredos ainda não revelados à corporação militar e, conseqüentemente, complicar a vida na cadeia de quem ainda poderia estar pleiteando sair do cárcere.

Também, destacamos que a imagem do autor não correspondia a idealização de um herói revolucionário latino-americano: Gabeira chegava colorido, livre e com ideias modernas demais para um Brasil ainda carente de transformações. Pois, chegava sem um projeto político definido, desassociado do seu grupo revolucionário que fracassou na tomada do poder sem se inserir em nenhuma lógica da esquerda daquele momento, ou seja, o personagem parecia distantes demais das expectativas dos que o saudavam na sua chegada ao país como herói.

Do mesmo modo, o estranhamento ao país era recíproco, mesmo com toda a saudade amalhada por anos de exílio, o retorno não correspondia a sua expectativa, haja vista ocorrera inúmeras transformações *sui generis* no Brasil que frustrou o narrador desde a sua primeira chegada ao aeroporto. Portanto, é justamente dentro desse prisma pessoal e de conjuntura política nacional que o autor escreve o último livro fechando a trilogia do exílio com *Entradas e bandeiras*, lançado em 1981, conforme descreve os quadros da sua memória na chegada do exílio:

Os gritos dos amigos me chamavam a atenção para os seus rostos e cada um deles representava uma época na minha memória. Não era como naqueles programas de televisão de antigamente chamados "Esta é a tua Vida", nos quais os personagens surgiam, cuidadosamente,

apresentados pela ordem. De repente, uma voz me chamava à infância, outra me chamava ao tempo de cadeia e, logo em seguida, uma outra voz reconduzia à infância (Gabeira, 1981, 31)

Enfaticamente o autor nomeia o primeiro capítulo “informe sobre o primeiro espanto”, quando chega ao Rio de Janeiro; no segundo capítulo não modifica o seu assombro, nominando como “informe sobre o segundo espanto”. De modo cronológico, os capítulos correspondem ao primeiro impacto ao chegar na Cidade Maravilhosa que ele deixou há 9 anos passados e, posteriormente, ao seu retorno à sua cidade de origem de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Segundo o autor, o fato de ter se tornado uma celebridade ao retornar ao Brasil não trazia conforto e tampouco lhe dava perspectiva sólidas para essa nova vida que se abria. No tocante a Minas Gerais e sua cidade natal, causava estranheza pelo provincianismo – totalmente compreensível para quem viveu um longo exílio em capitais europeias.

Além do desconforto com o Brasil, que o autor desconhecia e não conseguia acoplar na sua nova vida, as suas memórias anteriores não satisfaziam as projeções que tinha feito para o seu retorno, uma vez que além do país não ser mais o mesmo, ainda estava há anos luz do que ele vivenciara na Europa. Restava a pergunta, o que fazer para encaixar tamanho descompasso? Para tanto, Gabeira, num primeiro momento, acredita que era necessário mexer com a imaginação do país a seu respeito, com a sua identidade política construída pela mídia como ex-exilado e com a moral conservadora ainda vigente, sobretudo, com a identidade sexual dos códigos de costumes latino-americanos fortemente arraigados, que para ele, pessoalmente, estavam superados pela transformação que operara em virtude do seu exílio na Suécia. Gabeira, naquele período, tornar-se-ia figura da moda e nominado como o homem mais moderno do Brasil, conforme o próprio analisa, de maneira zombeteira, a reportagem feita sobre ele por uma revista semanal:

Havíamos chegado ao Brasil com uma áurea de sofrimento em torno de nossas cabeças. Anos de luta contra a ditadura, prisões, tortura e exílio. Agora, um jovem autor apresentávamos quase como uma moda de verão, falava na minha tanga de croché e mencionava nossos corpos, antes tão sofridos, agora se dourando sob o sol de Ipanema (Gabeira, 1981, p. 104)

A nova figura que aportava no Brasil se distinguia totalmente do esperado guerrilheiro, haja vista o personagem surgia quebrando paradigmas e dando entrevistas numa revista gay brasileira: um escândalo para a época. O Brasil não estava preparado para aquele personagem diferente que chegava, assim como o próprio autor não estava aclimatado com o “novo” Brasil que não melhorou em dez anos; pelo contrário, pois tivera as suas desigualdades muito mais afloradas pelos anos inclementes de ditadura militar. Era necessário um novo sentido para a sua vida, melhor dito, urgia encontrar uma razão que justificasse a seu retorno ao país de modo a fechar os vácuos afetivos e se conectar com um novo recomeço.

A despeito dos seus anseios pessoais, de qualquer forma em face do seu sucesso como figura da mídia, era necessário cumprir seus contratos com o livro lançado e percorrer o país de modo a divulgar o livro *O que é isso, companheiro?*, recém lançado. Portanto, no livro *Entradas e bandeiras*, Gabeira descreve justamente o reencontro com o Brasil enquanto fazia o lançamento do seu primeiro livro em eventos e feiras nas diversas capitais do Brasil. Igualmente, esse percurso produzia uma descoberta pessoal de si, reafirmando a autocrítica da luta armada que fizera na Suécia, assim como buscava novas alternativas para a sua vida, ainda incompletas e sem solução de encaixe nesse novo Brasil que causava sentimentos contraditórios ao personagem/autor.

Nesse processo de redescoberta da sua nova identidade, a escrita acabaria sendo um dos elementos para poder falar sobre os diversos traumas vividos, proporcionando uma avalanche memorialística em que abruptamente surgia nas obras: prisão, tortura, cadeia, assassinatos sobre tortura, desaparecimento político

de companheiros, golpes de Estado, exílio. O autor lança o primeiro livro *O que é isso, Companheiro?* tão logo chega do exílio, em 1979; após faz um novo périplo, dessa vez no próprio país com vista a divulgar a obra, não se reconhecendo no país e sentindo-se um vazio sentimental. Segundo o narrador: “se na volta encontrasse uma nova pessoa com quem pudesse partilhar minha viagem, seria algo maravilhoso. Seria voltar à terra também através de uma pessoa que vivera aqui todo o tempo” (Gabeira, 1981, p. 95-96).

Esse reencontro aconteceu com a chegada de uma companheira, juntos percorreram o Brasil e viveram um tempo no Rio de Janeiro, a fim de cumprir o restante dos contratos literários. Porém, o Brasil se esgotara rapidamente para Gabeira, pois as novidades não acalentaram as distâncias entre a sua memória de dez anos e a realidade que encontrou. Com vista a curar essas lacunas, juntamente com a namorada, embarcou novamente para a Europa – almejava no velho continente buscar um equilíbrio de tantas ebulições vividas. Chegou no Brasil em meados de agosto de 1979 e parte novamente na metade de 1980 para se redescobrir: “se eu me perdera do Brasil, ali talvez pelo menos pudesse descobrir onde e por que me perdi” (Gabeira, 1981, p. 115). Nesse período vivido na Europa durante o verão europeu, agora não forçado, o autor aproveitou para finalizar o segundo livro da trilogia, *O crepúsculo do macho*, justamente sobre o longo período de exílio, trazendo uma nova obra quando retornou meses depois ao Brasil.

Fechando a trilogia, nas páginas finais do terceiro livro, o autor descreve o lançamento da obra trazida fruto do seu “novo” exílio europeu e a recepção crítica. Também, começou a discutir a feitura da última obra, desta vez buscando revelar as encruzilhadas que vivenciara no Brasil desde a sua chegada em 1979. Isso posto, após o seu segundo retorno, em 1980, o livro suaviza o tom de crítica ao país e o autor passa a narrar o que ele passou a encontrar com uma nova companheira – sem tanto saudosismo. Nessa jornada de ajustes e (des)encontros, o título reproduziria bem o sentimento do próprio autor, *Entradas e bandeiras*, pois seria o retorno de

um ex-exilado desbravando o país e reconhecendo-se a si mesmo dialeticamente no processo de descobrimento.

Portanto, o narrador encerra a partir do último livro a trilogia da ditadura, quando passa a se reconhecer protagonista da sua própria história, uma vez que não se sente mais tragado pelo turbilhão político que o empurra a um desfiladeiro sem volta dentro da escuridão. Assim sendo, no último livro, percebemos que a sua escrita narrativa passa a funcionar como uma catarse pessoal, com vista a elaborar os traumas, pois através de uma prosa suave o autor foi se desvencilhando dos seus fantasmas, redescobrando o Brasil e procurando se reconectar consigo mesmo, precisamente, a fim de procurar se inserir novamente no cenário brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (Halbwachs, 2006, p. 39)

Dialogando com o objetivo principal deste artigo, buscava examinar a trilogia da ditadura na obra de Fernando Gabeira por meio desses três livros elencados. Conforme a ordem cronológica das obras, podemos mensurar que foram escritos como se fosse uma catarse pessoal da sua memória, sendo gestados um livro por ano, justamente, com vista de dar o tom explicativo da sua saída do Brasil, do exílio em 3 Continentes e, por fim, do seu retorno ao país de origem. No feixe de encadeamento memorialístico individual, também, percebemos que as suas reminiscências convergem com a história pessoal de outros personagens, logo, performando a memória coletiva (Halbwachs, 2006) daquele período, principalmente quando lemos o seu relato e confrontamos



com outros livros que abordam os mesmos fatos e lembranças acerca do exílio.

Isso posto, ao trabalharmos com a obra de Gabeira algumas questões ficam bem explícitas nas discussões travadas: 1) nos dois primeiros livros, a forma que o autor maneja a memória e como remonta as suas lembranças acerca do seu período de luta contra a ditadura civil-militar e, posteriormente, suas vivências do exílio. Finalmente, 2) no último livro, suas impressões sobre o Brasil a qual retornava, depois de 9 anos de um périplo forçado por vários países. Em síntese, os três livros demonstrariam a visão de um homem que foi mudando o seu pensamento ao longo das transformações dos fatos políticos históricos, desde o acirramento da ditadura brasileira, passando por golpes militares na América Latina e encerrando tristemente numa gélida Suécia.

Ainda, podemos analisar que os dois primeiros livros possuem um encadeamento muito forte, pois o primeiro ejetiva o autor a um exílio forçado, enquanto o seguinte seria o próprio destino de exilado – com todas as dores e contradições. Nesse segundo livro apresentaria todos os dilemas de ser um apátrida, permeado por dores, lembranças e um sentimento de deslocamento. Num primeiro momento, tentando se adequar ao projeto revolucionário latino-americano no Chile; após, um exílio silencioso, gélido e sem perspectiva na Europa.

No tocante ao último livro funcionaria como um balanço, em que o autor refletia sobre o que escreveu no primeiro livro, endossava as certezas que tivera sobre o fim do projeto armado e, sobretudo, aparece uma melancolia em face do desencontro com o Brasil. Analisando a escrita de Gabeira, igualmente, somos convidados pela mão do autor a percorrer os caminhos das desilusões armadas, dos sofrimentos do exílio, assim como os encaixes e desencaixes da sociedade brasileira. Do mesmo modo, por meio da avalanche produzida pela memória individual do autor, também, refletimos solidariamente acerca da memória coletiva de tantos personagens anônimos que não tiveram a oportunidade de elaborar, através da escrita, os seus próprios traumas que vivenciaram durante a ditadura militar.

Em síntese, no balanço das obras, Gabeira não intencionou fazer nenhuma sentença final da sua trajetória ou acerto de contas com o regime militar, igualmente, procurou se desvencilhar do mito do herói revolucionário latino-americano. Finalizando, conforme suas próprias palavras: apenas queria contar, viver e se reencontrar, finalmente, como o Brasil e a sua própria história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei Nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 117, n. 165, p. 12265. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6683.htm). Acesso em: 17 jun. 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: Seligmann-Silva, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora UNICAMP, 2003. p. 355-374.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

GABEIRA, Fernando. **O crepúsculo do macho**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

GABEIRA, Fernando. **Entradas e bandeiras**. Rio de Janeiro. Codecri, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. **Lua Nova**, [S.l.], 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/673/673.124.35004.pdf>. Acesso em: 01 out. 2023.

PADRÓS, E. S. **Como el Uruguay no hay...terror de Estado e segurança nacional (1968=1985): do Pachecato à ditadura civil-militar**. 2005. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROLLEMBERG, Denise. Exílio: refazendo identidades. **Revista História Oral**. [S.l.], v. 2, p. 39-73, 1999.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é Literatura de Testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 284-303, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/22610/16155>. Acesso em: 01 out. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, v. 30, p. 71-98, jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255/1348>. Acesso em: 01 out. 2023.

TAPAJÓS, Renato. **Em câmara lenta**: romance. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

## Contribuição de autoria

### 1 – César Alessandro Sagrillo Figueiredo

Universidade Federal do Norte de Tocantins

<https://orcid.org/0000-0002-6011-9527> • [cesarpolitika@gmail.com](mailto:cesarpolitika@gmail.com)

Contribuição: Conceituação, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição.

## Como citar este artigo

FIGUEIREDO, C. A. S. A trilogia da ditadura na obra de Fernando Gabeira: memória, trauma e reflexões acerca do exílio. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 43, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X85280>. Acesso em: dia mês abreviado ano.